

FORMAÇÃO DE LEITORES: O JORNAL NA EDUCAÇÃO

Paulo Cesar Fontanini

Orientadora Prof^a Dr^a Lidia Maria Gonçalves

RESUMO: O presente trabalho toma por objeto de pesquisa o jornal na sala de aula e, como centro de reflexão, a leitura. Esta, como atividade pedagógica, exige formação continuada e, por conseguinte, projetos que beneficiam o acesso a mídia escrita devem ser prestigiados em toda sua extensão pela escola. Trabalhar com o jornal no Ensino Médio visa possibilitar aos alunos e professores o enriquecimento de seu universo existencial, pois sua leitura crítica nos proporciona momentos de reflexão sérios e profundos; a mídia impressa também leva os alunos a entrar diretamente em contato com variados gêneros do discurso impulsionando a capacidade de ampliação de seus conhecimentos; o resgate do termo política é outro foco deste trabalho, pois devemos mostrar aos alunos e demais cidadãos que a política tem por critérios a justiça e o bom governo, condições sob as quais o homem pode atingir o bem-estar. Em conformidade com as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa do Estado do Paraná, o projeto delineado neste artigo científico reitera a proposta de trabalho com a leitura, a oralidade, a escrita e a análise lingüística.

Palavras-chave: Leitura. Jornal. Ensino Médio

ABSTRACT: The present work has for research object the newspaper in the class and, as a Center of reflection, the reading. This, as a pedagogical activity, requires continuous formation, for consequent, projects that benefit the access to a writing media should be esteemed and in all it extension by school. Working with newspaper in the High School aims to make possible to students and teachers the enrichment of their existential universe, because of it criticism reading give us moments of serious and deep reflection; the press media leads the students too to enter directly in contact with many

genders of speech impelling the capacity of extend their knowledge; the politics term it is another focus of this work, then we should show to students and others citizens that the politics has for discernment the justice and the good government, conditions under wich the man can reach the welfare. In conformity with the “Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa do Estado do Paraná”, the Project delineated in this scientific item reiterate the proposal of working with the reading, the orality, the writing and the linguistic analysis.

KEY-WORDS: Reading, newspaper, High School.

1-CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sou professor do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) e realizo meus estudos na Universidade Estadual de Londrina (UEL) sob a orientação da Prof^a Dr^a Lídia Maria Gonçalves e sob sua coordenação, participo do Projeto Extensionista “Formação de Leitores: O Jornal no Ensino Médio.”

O presente artigo recairá sobre o Projeto de Extensão Universitária denominado Formação de Leitores: O Jornal no Ensino Médio, especificamente refletirá sobre a execução do Primeiro Caderno: Política, Geral e Mundo nas Páginas do Jornal.

O foco desta proposta é a leitura e, o objeto de pesquisa, o jornal na sala de aula.

Segundo GONÇALVES (2004, p.78):

Leitura é uma atividade que exige formação continuada, e seus objetivos não se alcançam por meio de um trabalho eventual. A prática de leitura escolar voltada à formação do leitor não pode se limitar a fragmentos do livro didático; [...] é indispensável que exista, no universo escolar, uma multiplicidade de material de leitura, dentre eles, o jornal. Por essa razão, projetos que favoreçam o acesso, pela escola, aos produtos da imprensa escrita deveriam ser valorizados e aproveitados em toda sua extensão.

Discorrendo sobre o ato de ler, as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio esclarecem: “Nestas Diretrizes, entende-se a prática de leitura como um ato dialógico, interlocutivo. O aluno/leitor, nesse contexto, passa a ter um papel ativo no processo de leitura, é o responsável por reconstruir o sentido dos textos.” (PARANÁ, 2008, p.24)

Não há leitura sem um leitor abalizado. Logo, é necessário definir este sujeito/interlocutor. Nas palavras de GONÇALVES (2004, p.75) : “ leitor é o sujeito capaz de produzir sentido, de contextualizar o texto, interpretando-o e atribuindo-lhe algum significado. A leitura como prática social faz a diferença para aqueles que a dominam, tornando esses indivíduos, cultural e socialmente, distintos.”

Concentro-me em investigar meios de explorar o jornal a serviço da língua portuguesa, visto a formação de leitores e para o alcance desta meta viabilizo o manejo do jornal como um suporte textual importante no contínuo processo de letramento. Entenda-se aqui letramento como o “conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES, 1999, p.72)

Enfatizo o uso do jornal como recurso pedagógico essencial à formação de leitores por compartilhar dos postulados de GONÇALVES (2004, p.78):

O jornal como um dos suportes do ensino e aprendizagem da leitura nas escolas pode contribuir para que os indivíduos desenvolvam a competência de leitura e escrita como práticas de letramento. [...] Dessa forma, são eventos de letramento atividades como a discussão do conteúdo de um jornal com os colegas de classe e outras atividades da vida diária, que envolvam a escrita.

Reafirmo que a seção jornalística em que o presente artigo científico se concentrará é a política. Logo, o resgate deste termo é essencial para que, por meio da leitura do jornal, os alunos estabeleçam uma nova dimensão histórica do que seja política.

No presente artigo científico será feita uma reflexão sobre as práticas de leitura do jornal em sala de aula e um breve estudo sobre os

gêneros textuais passíveis de serem encontrados na mídia jornalística escrita.

Os beneficiados com nossa participação enquanto professores da rede estadual de ensino no projeto universitário “Formação de Leitores: O Jornal no Ensino Médio são diretamente os alunos do ensino médio, nosso público alvo e, na seqüência, são beneficiados todos os colegas professores de nossa escola de atuação que interagirem com este trabalho e todos os demais educadores da rede estadual de educação, que por meio do programa PDE, compartilharemos desta pesquisa-ação. Este artigo veicula aquela experiência.

2- JUSTIFICATIVA

Já afirmamos que o foco deste trabalho é a leitura e o objeto de pesquisa é o jornal na sala de aula, e ressaltamos que esta escolha se justifica por ser a capacidade de ler e interpretar múltiplos textos uma habilidade absolutamente essencial no e para o mundo que vivenciamos; universo este em que circula um infinito volume de informações com as quais estabelecemos variados nexos. Porém, para que estes nexos/relações sejam estabelecidos são necessários instrumentos de apropriação destes conhecimentos, a saber, a leitura e o domínio da linguagem. Essas duas capacidades cooperam para o desenvolvimento e realização pessoais, instrumentalizam-nos como indivíduos capazes de atuar na sociedade e desempenharmos o amplo exercício da cidadania.

A leitura e a escrita são o suporte da maior parcela do conhecimento que a humanidade acumulou em toda a sua história, por meio da linguagem verbal escrita o homem registrou muitos de seus avanços. *Morais declara no livro “A Arte de Ler”:*

Não lemos todos um mesmo texto da mesma maneira. Há leituras respeitadas, analíticas, leituras para ouvir as palavras e frases, leituras para reescrever, imaginar, sonhar, leituras narcisistas em que se procura a si mesmo, leituras mágicas em que seres e sentimentos inesperados se materializam e saltam diante de nossos olhos espantados. (1996, p. 13)

O desenvolvimento tecnológico não abre mão de ser interpretado por um leitor abalizado, isto é, um leitor que seja capaz de atuar desde a decodificação da mensagem até o estabelecimento de um conjunto de relações de estrutura e de contexto, até o ponto que se possa dizer que houve a apropriação da mensagem, do significado de relações estabelecidas entre texto e leitor, entre textos e com o mundo. E, para que tudo isto se efetive, é preciso sentir necessidade de ler. Há vários desafios que criam esta necessidade: querer conhecer, assenhorar-se de bens

culturais guardados pela escrita, divisar outros mundos, entender e buscar outras leituras que conversem com nossa leitura (intertextualidade).

A própria sociedade de consumo faz muitos de seus apelos através da linguagem escrita e chega por vezes a transformar em consumo o ato de ler, os rituais de leitura e o acesso a ela. Assim, no contexto de um projeto de educação democrática vem à frente a habilidade de leitura, essencial para quem quer ou precisa ler jornais, assinar contratos de trabalho, procurar emprego através de anúncios, solicitar documentos na polícia, enfim, para todos aqueles que participam, mesmo que à revelia, dos circuitos da sociedade moderna, que fez da escrita seu código oficial. (LAJOLO, 1999, p.105)

Compartilhamos do mesmo posicionamento de Lajolo (1999) e dos grandes pesquisadores da área da educação que nos indicam que *a habilidade de leitura vem à frente em um projeto de educação democrática. E, que esta habilidade de leitura é essencial para quem quer ou precisa ler jornais nos circuitos da sociedade moderna, ou seja, todo cidadão contemporâneo.*

Diante desta realidade, nasceu o nosso projeto de extensão, que mescla pesquisa, extensão e ensino: “Projeto Formação de Leitores: O Jornal no Ensino Médio”. O mesmo tem por finalidade básica conduzir os alunos a entrar em contato direto com a linguagem jornalística, pois esta linguagem é capaz de propiciar ao leitor/ aluno o enriquecimento do seu arcabouço cultural, some-se a expansão de seus conhecimentos gerais a melhoria de seu fôlego como leitor e o aprimoramento de seu vocabulário, acresça também o aperfeiçoamento da sua atividade de escrita bem como o estímulo de sua inteligência, criticidade e criatividade.

O presente projeto visou concentrar-se não apenas na notícia em si para fins de atualização do leitor com relação a questões de interesse público, como também no reconhecimento do seu conteúdo, sentidos e significado (percepção de ideologias). Para tanto, este plano de trabalho voltou-se para um desígnio mais específico denominado Primeiro Caderno: Política, Geral e Mundo nas Páginas do Jornal.

Quando no parágrafo anterior falamos em conteúdo, sentidos e significado fica expresso o desejo e a necessidade de se perceber, compreender e interpretar as ideologias contidas nos textos jornalísticos, para tanto é necessário fazemos comparações entre textos que tratem dos mesmos assuntos, mas com abordagens distintas em diferentes jornais. Também, promover o diálogo entre outros meios de comunicação social, por exemplo, jornais com revistas, com telejornais ou páginas da internet.

No texto “O jornal na tensa fronteira entre o público e o privado: um estudo para ler criticamente os jornais em sala de aula”, publicado no Terceiro Encontro Nacional “O Professor e a Leitura do Jornal”, ocorrido na Unicamp, em 2006, CHEIDA afirma:

A leitura sobre relatos noticiosos ou opinativos se constitui num ato essencialmente crítico de descoberta sobre os conteúdos factuais ou temáticos presentes na construção do jornalismo e sua relação com o mundo social. A diversidade presente no exercício da produção jornalística contribui para qualquer escola ou professor desenvolver atividades disciplinares ou multidisciplinares de modo a dotar o aluno de um conjunto de informações e elementos simbólicos que permitam se relacionar com esferas sociais distantes de sua realidade. Ao ler os jornais impressos, qualquer leitor se depara com um espaço tenso de expressão conflitiva entre os interesses privados e os interesses públicos, relatados por meio de técnicas especializadas. Os conteúdos são tratados conforme o projeto gráfico (estética) e os compromissos éticos que orientam o fazer e a escolha noticiosa.

O jornalismo factual é aquele que se atém aos fatos, sem buscar interpretá-los. Sabemos, porém, que os fatos por si só trazem no seu bojo uma carga ideológica, ou seja, subjaz a todo discurso um conjunto de convicções filosóficas, sociais, políticas de um indivíduo ou grupo de indivíduos que o produziu. Cabe ao leitor perceber, por meio de uma leitura crítica, os interesses ábditos das notícias publicadas em jornais.

A leitura crítica permite construir revelações sobre o modo como os jornais “observam” e interpretam a realidade cotidiana e discursam sobre ela. Se, de fato, os jornais devem ser usados em sala de aula como ferramenta didática de aprendizado, seu conteúdo trata das coisas do mundo social, criado e construído pelos interesses diversos gerados nas

esferas privadas e públicas. Assim, o jornal se torna uma ponte entre o aluno, professor e realidade cotidiana nem sempre acessível em todos os seus aspectos. O jornal serve de intermediador dotado de características ideológicas e valorativas que precisam ser conhecidas para a referência da leitura crítica sobre o modo de fazer o jornal como esse modo lê a realidade e qual realidade. (CHEIDA, 2006,página on-line)

Este nosso projeto universitário é assumido por nós como uma oportunidade ímpar para trazer, por meio das páginas do jornal, aos nossos alunos, um momento de reflexão sério e profundo sobre as mazelas e também o lado positivo da política, entendida aqui como arte ou ciência de governar. Vivenciamos uma época em que as empresas não desejam mais a contratação de um simples funcionário e sim de um cidadão; neste contexto o questionamento da nossa realidade social é indispensável na vida de todos os estudantes e de todos os profissionais. O engajamento neste projeto é um meio de fazer com que os alunos e nós professores tomemos um posicionamento consciente frente a nossa realidade; é uma proposta de leitura para verificarmos como anda a real situação de nossa cidade, de nosso país e do mundo como um todo, ou seja, um caminho para nos tornarmos mais conscientes, solidários, humanos. Este é o instante exato de estarmos compondo nossa História como educadores que se empenham em buscar procedimentos de qualificação do nosso exercício profissional e, por isso, se envolvam em um Programa de Desenvolvimento Educacional e estabeleçam um diálogo produtivo entre teoria educacional e prática docente,

Na introdução da obra “Jornal na Educação: Considerações Pedagógicas Operacionais”, a Prof^a Sílvia Costa testemunha: “ Quando o jornal é usado como janela para o aluno conhecer e discutir a realidade, podemos ter esperança de estarmos preparando cidadãos pensantes e participantes”. (COSTA, 1997, p.9). Este testemunho também podemos ofertar e o presente artigo científico é um meio de divulgarmos nossa experiência.

3- OBJETIVOS

.3.1- OBJETIVO GERAL

Fundamentado nos objetivos do Programa de Jornal na Educação (in:Costa, 1997) assumimos como objetivo geral desta proposta:

Possibilitar aos alunos e aos professores envolvidos nesta pesquisa o enriquecimento de seu universo existencial, inteirando-se do que se passa em outras regiões/países/mundo, nos mais diversos setores da atividade humana, por meio da leitura do jornal e da realização das pesquisas que a experiência didática suscitar.

.3.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

São quatro os objetivos específicos elencados para o projeto:

1º- Levar os alunos a entrar em contato direto com variados gêneros jornalísticos, proporcionando a capacidade de ampliação de seus conhecimentos e linguagem, através dos diferentes cadernos que compõem os jornais, em particular o 1º Caderno com os temas localizados nas seções Política, Geral e Mundo.

[...] podemos verificar que o jornal é constituído por um rico e diferenciado amálgama de configurações ou tipos de escrita (argumentativa, dissertativa, narrativa e descritiva) dentro de uma gramática que lhe é exclusiva. Além disso, relações internas entre as partes ou seções ou cadernos apontam para intertextos, relações entre palavra e imagem, etc que em muito enriquecem o potencial de leitura de uma pessoa. (SILVA, 2006, página on-line)

2º- Ampliar o grau de interesse pela leitura de jornais, bem como a capacidade de análise dos textos veiculados pela mídia impressa.

[...] o jornal acompanha o desenrolar dos acontecimentos do dia, trazendo possibilidades de atualização de conhecimentos, novos posicionamentos, análise, crítica e coisas do tipo. Outrossim, há que lembrar que os fatos aparecem em versões do próprio jornal, impondo a criticidade, a des-coberta, o des-velamento, a re-criação pela análise dos textos, etc. Isto significa que o jornal estimula a curiosidade e a vontade de aprofundar os fatos pela leitura das versões. (op.cit. página on-line)

3º- Elaborar atividades de leitura do jornal, de modo que a mesma não se limite a simples decodificação, mas atinja as operações complexas do pensamento como análise, comparação, julgamento, síntese e produção de novos pontos de vista. “Isto, lembrando que o significado maior da leitura nos dias de hoje, pensando na complexidade da sociedade, é o de melhor qualificar as nossas ações, reações e decisões nas diferentes dimensões da vida.” (SILVA, 2006, página on-line)

4º- Investigar a interpretação do discurso veiculado por meio dos textos publicados pelos jornais, para que os alunos percebam que todo texto carrega em si uma ideologia. Este é um meio de atuar para a eficácia do trabalho realizado com o jornal na sala de aula, direcionando-o como instrumento útil para que o ensino se realize de forma mais significativa para o aluno.

A proposta de se adotar o jornal para o ensino das diversas disciplinas escolares baseia-se na concepção de que o jornal é um texto que traz o cotidiano para a sala de aula. Costuma ser vinculado à idéia de comunicabilidade, de neutralidade e de objetividade, componentes intrínsecos do chamado discurso jornalístico, mas neutralidade em termos de discurso é utopia, cabendo ao leitor perceber as implicaturas e pressuposições no que é dito. (GONÇALVES, 2004, p. 81)

4-METODOLOGIA

O projeto “Formação de Leitores: O Jornal no Ensino Médio” tem por objetivo apresentar ao estudante o jornal em sua integridade, discutindo as várias seções presentes em um jornal diário, os diferentes tipos de jornal e os gêneros presentes no jornal impresso, a linguagem e o vocabulário jornalístico.

Visto o jornal em sua integridade, o subprojeto Primeiro Caderno: Política, Geral e Mundo nas Páginas do Jornal – como o próprio nome sugere – passou a focar o 1º Caderno, trabalhando os temas Política, Geral e Mundo. Analisamos estes temas por meio das notícias, reportagens, colunas assinadas e outros gêneros da esfera jornalística encontrados neste 1º Caderno.

Nossa proposta de trabalho busca desenvolver o aluno nos quatro eixos: leitura, escrita, oralidade e análise lingüística.

1º- A LEITURA é um processo de produção de sentido que acontece entre texto e leitor, ou seja, o leitor constrói o seu conhecimento de mundo por meio de uma atividade dialógica que se dará, principalmente, pela leitura do jornal. As Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa (DCL) proferem:

É importante contemplar, ainda, na formação de leitor, as linhas que tecem a leitura, as quais Yunes (1995) aponta:

MEMÓRIA: o ato de ler, quando pede a atitude responsiva do leitor, suscita suas memórias, que guardam suas opiniões, sua visão de mundo. O ato de ler convoca o leitor ao ato de pensar;

INTERSUBJETIVIDADE: o ato de leitura é interação não apenas do leitor com o texto, mas com as vozes presentes nos textos, marcas do uso que os falantes fazem da língua, discursos que atravessam os textos e os leitores;

INTERPRETAÇÃO: a leitura não acontece no vazio. O encontro de subjetividades e memórias resulta na interpretação. As perguntas de interpretação de textos, que tradicionalmente dirigimos aos alunos, buscam desvendar um possível mistério do texto e esquecem do mistério do leitor;

FRUIÇÃO: o ato de ler não se esgota ao final da leitura e das sensações. A leitura permanece. E nisso o prazer que ela proporciona difere do prazer que se esgota rapidamente.

INTERTEXTUALIDADE: o ato de ler envolve resposta de muitos textos, em diferentes linguagens, que antes do ato de leitura permeiam o mundo e criam uma rede de referências e

recriações: palavras, sons, cores, imagens, versos, ritmos, títulos, gestos, vozes, etc. No ato de ler a memória recupera intertextualidades. (PARANÁ, 2008, p.24 e 25)

2º- A ESCRITA deve sempre priorizar as condições de produção de um texto, a saber: quem escreve, o que, para quem, por que, quando, onde e como se escreve, pois estas condições são determinantes em um texto eficaz. A produção deste texto envolverá uma interação aluno/professor e perpassa os seguintes momentos: motivação para produzir o texto, a reflexão sobre o tema, o gênero textual e o estilo de linguagem, o ato de redigir, a revisão textual, a reestruturação ou reescrita em busca da melhor forma de expressão.

O exercício da escrita, nestas Diretrizes, leva em conta a relação entre o uso e o aprendizado da língua, sob a premissa de que o texto é elo de interação social e os gêneros discursivos são construções coletivas. Assim, entende-se o texto como uma forma de atuar, de agir no mundo. Escreve-se e fala-se para convencer, vender, negar, instruir, etc. (PARANÁ, 2008, p.22)

3º- A ORALIDADE envolve a valorização de todas as variantes lingüísticas, pois elas que geram a riqueza e o conhecimento vocabular. Esta realidade é trabalhada nas seguintes situações: debates, discussões, seminários, transmissão de informações, troca de opiniões, defesa de ponto de vista, contar histórias, representação teatral, relatos de experiências, entrevistas... Estas situações são encaminhadas a partir da leitura do texto midiático.

No dia-a-dia da maioria das pessoas, a fala é a prática discursiva mais utilizada. Nesse sentido as atividades orais precisam oferecer condições ao aluno de falar com fluência em situações formais, adequar a linguagem conforme as circunstâncias (interlocutores, assunto, intenções), aproveitar os imensos recursos expressivos da língua e, principalmente, praticar e aprender a convivência democrática que supõe o falar e o ouvir. Ao contrário do que se julga, a prática oral realiza-se por meio de operações lingüísticas complexas, relacionadas a recursos expressivos como a entonação.(PARANÁ, 2008, p.20)

4º- Com relação à ANÁLISE LINGÜÍSTICA é necessário dar um tratamento diferenciado ao erro. Em outras palavras, o professor deixará bem claro que há dois níveis de linguagem: o coloquial/informal e o erudito/formal e que as aulas de língua portuguesa são mais uma oportunidade do aluno apropriar-se de um nível formal em suas atividades de leitura, escrita e oralidade; nível formal este que é a marca da linguagem jornalística.

A análise lingüística é uma prática didática complementar às práticas de leitura, oralidade e escrita, visto que possibilita a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos lingüísticos, seja no momento de ler/escutar, de produzir textos ou de refletir sobre esses mesmos usos da língua. (MENDONÇA, 2006, p.204)

5-RESGATANDO A DIMENSÃO HISTÓRICA DA POLÍTICA POR MEIO DA LEITURA DO JORNAL

Um jornal é organizado por meio de cadernos ou seções temáticas. Uma seção que forma um conjunto substancial de textos jornalísticos é o Primeiro Caderno: Política, Geral e Mundo. Como os títulos dos cadernos sugerem, os principais acontecimentos do mundo são publicados na seção denominada Mundo; reportagens sobre temas gerais do dia-a-dia do leitor possuem um espaço de circulação reservado, assim também notícias relativas à política local, regional ou estadual desfrutam de seção apropriada.

Focando ainda mais especificamente o assunto política, percebe-se de uma maneira clara tratar-se de um tema que não agrada boa parcela do público leitor (principalmente nossos jovens alunos), talvez porque associem o tema com a vergonhosa politicagem que assola nosso país e o mundo afora.

Precisamos rever o conceito de política para minimizarmos os sentidos pejorativos que dele se depreendem e resgatamos a imagem

positiva , a boa reputação e a moralidade deste termo e das pessoas decentes que exercem esta atividade, em respeito aos homens públicos dignos.

Passemos, primeiramente, a reflexão sobre os sentidos desse termo; essa análise será orientada a partir de definições dicionarizadas.

O Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa registra as seguintes acepções:

Política s.f.“1- arte ou ciência de governar. -2 arte ou ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados. 3- orientação ou método político. -3.1 p. ext. série de medidas para obtenção de um fim. 4- arte de guiar ou influenciar o modo de governo pela organização de um partido, pela influência da opinião pública, pela aliciação de eleitores. [...] 6.1- o conjunto de opiniões e/ou simpatias de uma pessoa com relação à arte ou ciência política, a uma doutrina ou ação política. 7- cerimônia,cortesia, urbanidade. 8- habilidade no relacionar-se com os outros tendo em vista a obtenção de resultados desejados, 9- fig. astúcia, maquiavelismo no processo de obtenção de alguma coisa. (HOUAISS, 2001, p. 2253).

Como se nota, em suas oito primeiras acepções, essa lexia não está dicionarizada com sentido negativo. Apenas na nona acepção, a de sentido figurado, aparece a idéia de maquiavelismo, aludindo a “um princípio amoralista de que os fins justificam os meios”. Contudo o verbete política registra a associação de idéias entre política e maquiavelismo. De acordo com o dicionário, maquiavélico é o astuto, velhaco, artiloso, traiçoeiro, que tem dolo, má-fé. E ainda conforme o próprio dicionário, Maquiavelismo é política desprovida de boa-fé.

A experiência cotidiana revela que a maioria da população brasileira assume essa visão negativa do político e da política como se o exercício político fosse sempre desprovido de boa-fé e provido do dom de enganar outros para atingir benefícios próprios. É preciso combatermos essa visão preconceituosa para que as pessoas de bem cada vez mais venham a se interessar por serem homens públicos e, dessa forma, a administração do patrimônio público tenha maiores chances de ser gerida por cidadãos éticos. Como também que cada um de nós se reconheça como um ser

político e politizado, interessado em acompanhar as decisões políticas da sua escola, de seu bairro, do seu município, de seu país...

Sociologia e Filosofia são disciplinas que dizem respeito muito de perto ao tema política. Vejamos uma concepção sociológica:

Política – Expressão que deriva da palavra pólis, que em grego significa cidade. A pólis era a cidade-Estado na Grécia antiga. Era ali que a assembléia de cidadãos decidia sobre todas as questões que dizem respeito a seu Estado, isto é, à pólis. Política tem a ver, portanto, com Estado, governo e poder. De forma mais ampla, é toda atividade relacionada ao exercício de um poder organizado em uma coletividade, seja esta um Estado, uma cidade, uma empresa, um sindicato, uma universidade, etc. Assim, pode-se falar, por exemplo, na política sindical de determinado líder trabalhista, na política salarial de uma empresa etc. Para o senso comum, política é a arte de governar um povo. (OLIVEIRA, 2007,p.254)

O Dicionário Básico de Filosofia (2006,p. 220) define:

política (lat. Politicus, do Gr. Politikós) Tudo aquilo que diz respeito aos cidadãos e ao governo da cidade, aos negócios públicos. A filosofia política é assim a análise filosófica da relação entre os cidadãos e a sociedade, as formas de poder e as condições em que este se exerce, os sistemas de governo, e a natureza, a validade e a justificação da decisões políticas. Segundo Aristóteles, o homem é um animal político, que se define por sua vida na sociedade organizada politicamente. Em sua concepção, e na tradição clássica em geral, a política como ciência pertence ao domínio do conhecimento prático e é de natureza normativa, estabelecendo os critérios da justiça e do bom governo, e examinando as condições sob as quais o homem pode atingir a felicidade (o bem-estar) na sociedade, em sua existência coletiva.

Segundo CHAUI (2002), em Platão, temos a idéia de que a finalidade da política não é o exercício do poder, mas a realização da justiça para o bem comum da cidade.

Por meio da leitura do Caderno Política, Geral e Mundo incentivamos nosso aluno a participar do debate público e, desse modo, contribuimos para o combate da alienação. Não basta vivermos em uma sociedade alfabetizada, queremos ter voz na sociedade letrada. Nossa sociedade letrada possui um arquivo enorme de textos; esses documentos escritos

guardam informações e análises histórico-políticas. Mas, apenas ler e escrever não nos permite o conhecimento desses documentos escritos.

Apesar da proliferação de instrumentos escritos e de maior acesso da população às escolas, a transmissão da cultura se legitima não pelo saber estocado/disponível e sim pelo exame desses objetos culturais; por si só, a informação não é suficientemente capaz de gerar conhecimento, não basta deter o código e ser capaz de decifrá-lo para não ser subjugado por ele. É indispensável que o objeto suscetível de leitura seja efetivamente lido, no sentido de interpretado/analísado. Só nesta perspectiva o jornal deixa de ser visto como instrumento de poder, de manipulação de fatos e idéias a fim de exercer dominação ideológica do seu público, um sentido que o afasta de alcançar maior número de leitores, assim como o sentido negativo de política afasta cidadãos.

Política é uma questão seriíssima, porém hoje em dia, devido a todo um contexto histórico, este termo confundiu-se com politicagem e seus sinônimos como politicalha, politicaria, politiquice e politiquismo e reverter estas noções é um trabalho que pode ser feito por meio da leitura do jornal, um trabalho árduo sim - e por isso mesmo - necessário.

O professor Jairo Marçal inicia seu Folhas intitulado “Em busca da essência do político” com a seguinte situação-problema: “ A política pode superar a imagem ou mesmo a sua condição negativa de poder de opressão e corrupção e ser conhecida como uma possibilidade de construção de um mundo melhor?” (MARÇAL, 2006, p.161).

O senso comum da sociedade em geral vê a política sob a perspectiva exclusivamente negativa e crê que isto é algo óbvio e natural. “Quase sempre estamos reproduzindo, diga-se de passagem, com poucos ou insuficientes dados e questionamentos, informações veiculadas pelos jornais, pelas rádios ou telejornais, e mesmo aquelas que circulam pela internet.” (MARÇAL, 2006, p. 162)

Com nosso projeto” Formação de Leitores: O Jornal no Ensino Médio” e o “Projeto Específico Primeiro Caderno: Política, Geral e Mundo nas Páginas do Jornal” queremos analisar, questionar e refletir sobre as informações veiculadas pelos jornais que tratam do tema política e

construimos uma nova opinião, mais positiva e abalizada sobre este assunto, em outras palavras, fazer da leitura do jornal não somente um ato pedagógico aparentemente neutro, mas acima de tudo uma atitude política; até mesmo porque nenhuma ação ou omissão é neutra.

Em nossos dias, temos a disponibilidade de realização da crítica histórica e filosófica até mesmo sobre textos sacros. Por que não trazermos à análise temas políticos? O poder político envolve todo o saber e vice-versa, ou seja, todo o conhecimento é político, pois é um marcador de poder; os discursos criam realidades e transformam o mundo. (FOUCAULT, 1996)

6-REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA DO JORNAL

“O jornal é um instrumento de transformação da realidade e colabora para que a comunidade possa, pelo domínio da informação, garantir pleno exercício de sua cidadania”. (PAVANI, 2007, p.15)

A leitura do jornal potencializa transformação: só mudamos uma realidade quando dominamos plenamente o processo de transformação e este domínio chama-se informação. É por meio das informações que passamos a ter uma postura de juízo diante da sociedade e podemos fazer uma leitura crítica dos contextos sociais e políticos. Logo, o jornal é instrumento que promove reavaliações e reinterpretações dos fatos. “O jornal é, portanto, um veículo de comunicação de informações e uma das relações que o cidadão pode ter com a comunidade.” (op.cit., p. 15)

Quanto à linguagem, podemos asseverar que o jornal “procura espelhar uma norma aceitável” (SUEIRO, 2008, p. 6). Em outras palavras, o jornal traz, como modelo de linguagem, a norma culta. Ler jornal é, portanto, estar em contato com a língua padrão, a língua que está realmente em uso na atualidade.

... a linguagem jornalística oferece hoje uma espécie de ‘português fundamental’, uma língua de base, não tão restrita que limite o crescimento lingüístico do aluno e nem tão ampla

que torne difícil ou inacessível o texto escrito ao comum dos estudantes.(FARIA ,1996, p. 12).

O jornal oferece também uma série substancial de gêneros textuais. Quando lemos um jornal, temos contato com diversos gêneros. Propiciar este conhecimento aos alunos, quais as características que constituem cada gênero discursivo proporciona uma melhora sensível na produção e compreensão de textos orais e escritos por parte dos mesmos. Não é tema deste artigo analisar as características dos múltiplos gêneros que circulam na esfera jornalística, mas cremos conveniente recordar que:

Gêneros textuais são unidades triádicas relativamente estáveis passíveis de serem divididas para fins de análise em unidade composicional, unidade temática e estilo, disponíveis num inventário de textos (arquitexto ou intertexto), criado historicamente pela prática social, com ocorrências nos mais variados ambientes discursivos, que os usuários de uma língua natural atualizam quando participam de uma atividade de linguagem, de acordo com o efeito de sentido que querem provocar nos seus interlocutores. (BALTAR, 2004, p. 46).

O conceito de gênero não considera apenas aspectos formais ou estruturais do texto, e sim incorpora elementos de caráter social e histórico, pois:

... considera a situação de produção de um dado discurso (quem fala, para quem, em que situação, em que momento histórico, em que veículo, com que objetivo, finalidade ou intenção, em que registro, qual a condição social dos seus interlocutores, seu posicionamento ideológico etc) e a forma de dizer, que não é inventada a cada vez que nos comunicamos, mas que está disponível, pois circula socialmente. Entender um gênero implica tratá-lo como algo vinculado ao seu contexto sócio-histórico-cultural de circulação. (BARBOSA , 2006, p. 4 e 5).

O Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) previu, para o ano de 2007, estudos teóricos; naquele ano delineamos um projeto voltado ao jornal no Ensino Médio e realizamos uma série de leituras para a fundamentação teórica que a aplicação prática requer.

O ano de 2008 voltou-se à Proposta de Aplicação na Escola; optamos por uma intervenção direta em sala de aula, aplicando a proposta planejada.

O projeto previa uma aula semanal, aula esta em que contávamos com exemplares do Jornal Tribuna do Norte (Apucarana). Recebíamos os jornais “quentes” todas as quintas-feiras e o trabalho se desenvolveu de maneira bastante satisfatória. Por uma questão de justiça, devemos ressaltar a boa vontade do corpo administrativo da empresa jornalística Tribuna do Norte que ao ser informado por nós sobre os nossos objetivos, prontamente, dispôs-se a ampliar o fornecimento dos exemplares jornalísticos disponibilizados via Projeto Vamos Ler também para as turmas de Ensino Médio desse grupo de professores PDE orientados pela Prof^a Dr^a Lidia Maria Gonçalves, o que foi um fator muito importante para facilitar a execução da proposta e, conseqüentemente, para a obtenção de seus resultados positivos.

Trabalhamos para que o aluno tivesse uma visão geral de como o jornal é composto e organizado: divisão em cadernos, editoriais, seções, o sistema de indicação de páginas, as seções diárias e com dias fixados, os suplementos e os dias da semana em que são publicados, as informações de serviços de utilidade pública que o jornal oferece ao leitor.

Conhecidas todas as opções de leitura que o jornal lhes oferece, os alunos tiveram mais facilidades para se orientarem na busca de assuntos de seus interesse e de outros por nós instigados. Como destacamos anteriormente um dos objetivos do “Projeto Formação de Leitores : O Jornal no Ensino Médio” é levar os alunos a entrar em contato direto com os variados gêneros jornalísticos, proporcionando a capacidade de ampliação de seus conhecimentos e linguagem, por meio dos diferentes cadernos que compõem os jornais. Em particular, este pesquisador investigou a acerto das seções Política , Geral e Mundo, com destaque maior para a formação do leitor por meio de temas políticos.

Vários gêneros do discurso da imprensa foram estudados com o andamento do projeto. Compreendemos como texto jornalístico toda forma

de linguagem utilizada no jornal, toda expressão de uma idéia, de forma verbal ou por imagem, ocorrida por meio desse suporte e entendemos que

Formar o hábito da leitura de jornais nos estudantes é algo muito mais simples do que se pensa. Basta lembrar o que fazemos com o jornal no dia-a-dia, que é ler com curiosidade, comentar o que nos agrada, concordar ou discordar, guardar o que nos interessa, [...] Aos alunos, basta que se facilite o acesso deles ao jornal. É imprescindível que eles naveguem nas informações, vasculhando as matérias, discutindo, comentando, opinando. Mais do que tudo, é necessário fazer da leitura do jornal uma atividade espontânea e prazerosa. (SILVA, 1997, p.43).

A título de conhecimento, elencamos os principais gêneros jornalísticos abordados em nossas aulas: notícia, reportagem, crônica, editorial, artigo de opinião, entrevista, crítica, coluna jornalística, fotojornalismo, charge, caderno classificados e caderno especial.

A notícia é a narração do fato de forma objetiva e imediata. Conforme o assunto em tela, podem ser notícias econômicas, científicas, políticas, policiais, etc. São redigidas por jornalistas e esses são responsáveis por acompanhar áreas específicas da atuação humana. A reportagem é uma informação mais ampla e aprofundada sobre um fato; geralmente é o aprofundamento da notícia o que envolve pesquisa/investigação e é redigida por um repórter. Já a crônica é gênero opinativo, seu autor é denominado cronista e tem como tema fatos ou idéias do dia-a-dia, veiculadas sem a determinação de tempo e espaço rígidos da notícia e da reportagem, por meio de uma linguagem cotidiana e, muitas vezes, com tom irônico.

O editorial expressa não apenas a opinião do editor mas da empresa jornalística sobre um assunto em pauta; por isso mesmo sua temática é importante e atual; são textos dissertativos e reflexivos, de linguagem mais complexa que a maioria dos textos narrativos que circulam no referido suporte textual. O artigo de opinião também é gênero opinativo, difere do editorial por trazer a opinião de um autor denominado articulista e não representa necessariamente a opinião do jornal; é produzido por um especialista na área em discussão.

A entrevista é o gênero jornalístico que se caracteriza por sua estruturação dialogal, com perguntas e respostas e costuma ser precedida por um texto explicativo de abertura. A crítica é um gênero que expressa a opinião de um autor, denominado crítico, autorizado pelo jornal, sobre uma manifestação artística qualquer: livro, CD, teatro, espetáculo de dança, etc. Por sua vez, o objetivo do gênero coluna jornalística é fornecer ao leitor o máximo de informações curtas, objetivas e possíveis de serem veiculadas em uma página ou naquele espaço específico, daí o nome coluna.

Fotojornalismo: na qualidade de informação visual, a fotografia ocupa um lugar único no jornalismo; ela pode transmitir informações detalhadas, suscitando emoções, beleza e chamando a atenção do leitor para a notícia a ser lida. A charge é um gênero que mistura a linguagem imagética e a linguagem verbal, com características de humor, mostra irreverência para provocar uma certa reflexão sobre algo noticiado naquele(s) dia(s).

Nos jornais, a presença dos classificados se justifica por sua utilidade social por atender às necessidades de informação do público leitor sobre compra, venda, aluguel de automóveis, motos, mercado imobiliário e serviços. Uma empresa jornalística pode publicar eventualmente um caderno especial e/ou possuir suplementos que são cadernos que têm dias determinados para circulação, objetivando levar ao leitor a se aprofundar em certos temas proporcionando-lhe melhor compreensão da informação em foco. Por exemplo, a Folha de Londrina possui três suplementos (em forma de tablóide): Folha da Sexta (com circulação às sextas-feiras); Folha Rural (aos sábados) e Folha Casa e Conforto (com circulação quinzenal às quartas-feiras).

Testemunhamos que, com a leitura e o estudo dos gêneros apresentados, conseguimos levar os alunos a se familiarizarem com a mídia jornalística, concretizando nosso objetivo de ampliar seus conhecimentos e desenvolver sua linguagem.

7-CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo científico teve por finalidade divulgar uma proposta de trabalho que fomenta a leitura e tem por objeto o uso do jornal impresso, ou seja, explorar o jornal a serviço formação cidadã e do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

A seção jornalística em que nos concentramos foi o Caderno política, com o intuito de se estabelecer uma nova dimensão histórica para este termo. Os trabalhos de leitura e pesquisa levaram os alunos a conceberem uma visão positiva sobre política o que desencadeou um processo contínuo de politização.

Neste percurso metodológico apresentamos, também, alguns gêneros do discurso que podem e devem ser explorados por meio da leitura do jornal. Conduzimos nossas ações a partir de reflexões contínuas sobretudo instigadas nos necessários encontros de orientação e a partir do profundo estudo de pressupostos teóricos.

Finalizamos o presente artigo científico, compartilhando dos ensinamentos de Silva:

Mais humildade pedagógica, mais diálogo, mais liberdade para os alunos se expressarem, mais escuta e partilha dos significados atribuídos aos textos, mais ligação entre aquilo que se lê e aquilo que se vive, estes são os caminhos para uma leitura libertária e transformadora, tão necessária à sociedade de hoje. (2005, p.24)

8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula.** Caxias do Sul, RS: Educus, 2004.

BARBOSA. Jacqueline Peixoto. **Carta de Solicitação e Carta de Reclamação.** São Paulo. FTD, 2006.

CHAUI, Marilena. **Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**, vol. 1. Marilena Chauí. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

CHEIDA, Marcel J. **O jornal na tensa fronteira entre o público e o privado: um estudo para ler criticamente os jornais em sala de aula**. 2006. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anaisjomal/leitura/textos/009cheida.htm>. Acesso em 20/10/2008.

COSTA, Sílvia. **Jornal na Educação: considerações pedagógicas e operacionais**. Santos: s.c.p., 1997.

FARIA, Maria Alice. **O jornal na sala de aula**. 8ªed. São Paulo: Contexto, 2003.

FILOSOFIA / vários autores. _ Curitiba: SEED-PR, 2006. – 336p.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

GONÇALVES, Lidia Maria. **Do ledor ao leitor: Um estudo de caso sobre as insuficiências do jornal em sala de aula no ensino fundamental**. Tese de Doutorado. Defendida em setembro de 2004, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa** / Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário Básico de Filosofia** / Hilton Japiassú e Danilo Marcondes. – 4.ed.atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. 4ed. São Paulo: Ática, 1999.

MENDONÇA, Márcia. **Análise lingüística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto**. IN: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia [orgs.]. **Português no ensino médio e formação do professor**. 2ed. São Paulo: Parábola, 2006.

MORAIS, José. **A Arte de Ler**. São Paulo. UNESP, 1996.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. **Introdução à Sociologia**. Ensino Médio/ Volume Único. São Paulo. Ática, 2007.

PARANÁ / SEED. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio**. SEED, 2008.

PAVANI, Cecília. **Jornal: Uma abertura para a educação**/ Cecília Pavani, Ângela Junquer, Elizena Cortez, Campinas, SP: Papyrus, 2007.

SILVA. Ezequiel Theodoro da. **A Produção da Leitura na Escola. Pesquisas X Propostas**. São Paulo. Ática, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Jornal na vida do professor**. 2006. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anaisjomal/leitura/textos/013ezequiel02.htm> Acesso em: 20/10/2008.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte. Autêntica, 1998.

SUEIRO, Wanderley. **O Jornal no Ensino Médio: Em Busca de um Programa Mínimo de Leitura**. 2008. Artigo científico.

YUNES, Eliana. Pelo Averso: a leitura e o leitor. **Revista de Letras**. Curitiba: Editora da UFPR, 1995, nº 44, p.185-196.

ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal. **Por que, afinal, a leitura de jornais na escola?** 2006. Disponível em:

<http://www.alb.com.br/anaisjornal/leitura/textos/008zancheta.htm> Acesso em 20/10/2008